

COLÓQUIO COMEMORATIVO
DO BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO
DO DUQUE DE ÁVILA E BOLAMA
ACTAS

*COMMEMORATIVE COLOQUIUM
ON THE BICENTENARY OF THE
DUKE OF ÁVILA E BOLAMA BIRTH
PROCEEDINGS*

DISCURSO DO SENHOR PRESIDENTE
DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES,
DR. FERNANDO MENEZES,
NA ABERTURA DO *COLÓQUIO COMEMORATIVO DO BICENTENÁRIO*
*DO NASCIMENTO DO DUQUE DE ÁVILA E BOLAMA**

É com muito agrado que me encontro hoje aqui, na abertura deste Colóquio Comemorativo do Bicentenário do nascimento do Duque de Ávila e Bolama, cidadão ilustríssimo, nascido nesta cidade da Horta no dia 8 de Março de 1807. A Assembleia Legislativa desta Região Autónoma, a que tenho a honra de presidir, associa-se assim a esta tão relevante iniciativa, acolhendo uma proposta oportunamente apresentada pelo Centro de Estudos Gaspar Frutuoso da Universidade dos Açores.

O parlamento regional prossegue assim, para além das funções resultantes da sua própria natureza, uma política de envolvimento social e cultural, desde há muito assumida pela Presidência e pela Mesa, neste caso, como em muitos outros, em parceria com a Universidade dos Açores.

Quero portanto e antes do mais, saudar os organizadores deste colóquio e aqueles que localmente o apoiaram como é o caso do Núcleo Cultural da Horta. Sejam todos muito bem vindos.

Pelos temas propostos e sobretudo pela qualidade dos conferencistas, estou certo de que este evento permitirá não só um melhor conhecimento da personalidade que o sugere, mas também uma oportunidade para se aprofundar o estudo dessa conturbada e tão interessante época da nossa história que foi o «constitucionalismo monárquico».

Importa ainda assinalar que este colóquio científico se insere num vasto programa comemorativo que envolve também a Câmara Municipal da Horta e o Governo Regional do Açores.

* Discurso pronunciado na abertura do *Colóquio Comemorativo do Bicentenário do nascimento do Duque de Ávila e Bolama* realizado na Cidade da Horta no dia 9 de Março de 2007, organizado pela Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores com a coordenação científica do Centro de Estudos Gaspar Frutuoso da Universidade dos Açores e o apoio do Núcleo Cultural da Horta.

Minhas Senhoras e meus Senhores

Nascido eu nesta cidade da Horta, burgo de reduzida dimensão geográfica, desde cedo tomei contacto com este nome sonante, Duque de Ávila e Bolama e conseqüentemente com alguns aspectos da vida e da história desta relevante personalidade.

A caminho da escola atravessava necessariamente o Largo Duque de Ávila e Bolama e não raras vezes passava pela rua Ministro Ávila, à saída da cidade, a caminho dos Flamengos.

Do personagem, contudo, sempre soube muito pouco ou talvez apenas a sua importância para esta cidade da Horta e essa outra estória, mil vezes repetida, de que chegou a Duque sendo filho de sapateiro, propalada como exemplo a seguir e sobretudo tendencialmente demonstrativa de que, qualquer pessoa podia ir longe ou singrar na vida, desde que quisesse e, naturalmente, acrescento eu, não questionasse certas realidades e conceitos, como tinha de ser, naqueles meus tempos de infância e juventude, aí pelos anos cinquenta e sessenta. Nos bancos da escola e do liceu mais nada me ensinaram sobre António José de Ávila. Nos oficialmente adoptados livros de história também nada se dizia sobre aquela figura, e a verdade é que nem mesmo a imponente estátua colocada ali na Matriz em 1970, me estimulou a uma investigação mais profunda sobre o homem e a obra.

Mais tarde, o conhecimento de alguns episódios dispersos e algumas leituras de Antero e Eça fizeram com que eu nunca mais pensasse no Duque e pior, determinaram mesmo que passasse a sentir uma preconceituosa antipatia pela figura, também eu, provavelmente influenciado pela «historiografia jacobina» de Oliveira Martins, como diria Vasco Pulido Valente.

Não sendo homem dessa área do conhecimento, prefiro atribuir isso apenas a um indesculpável desconhecimento histórico e, já agora, a um ensino do passado apenas valorizador de gestos heróicos e de personagens épicas, muitas vezes fora dos seus reais contextos espaciais e temporais.

Desse tempo, os Duques que ficaram nessa minha história e memória, foram o da Terceira, o de Palmela, o de Loulé e o de Saldanha.

Foram necessários alguns anos para voltar a interessar-me por aquele tempo e muitos mais para redescobrir o Duque de Ávila com outra profundidade através de um ou outro escrito e finalmente pela leitura recente da notável biografia da autoria do Doutor José Miguel Sardica, cuja leitura se revelou fascinante e esclarecedora.

Fica assim confessado o meu parco conhecimento sobre tão influente personalidade cuja relevância política e social, como diz o Dr. Sardica, é impossível negar. Ocupou e recebeu, pelo menos 28 empregos, 22 comissões de serviço ou de honra, 19 missões diplomáticas, 11 mandatos de deputado, 20 anos como par do reino, 20 pastas ministeriais, 3 presidências do conselho, 10 condecorações portuguesas, 20 condecorações estrangeiras, 39 diplomas científicos e beneméritos e 3 títulos nobiliárquicos.

Quanto a este último aspecto, é interessante e porventura revelador, ler a carta de António José de Ávila à rainha, transcrita por António Ferreira de Serpa, na qual, o futuro Duque invocando, entre muitos outros serviços prestados à coroa, os desenvolvidos aqui na ilha, se diz não ser indigno da graça de lhe ser concedido foro de Fidalgo da Casa Real que naquele acto suplica.

A julgar por tudo isto, terá sido na verdade uma personalidade proeminente, muitas vezes controversa, com um longo e extraordinário percurso público e certamente um dos muitos açorianos que se notabilizaram ao serviço da nossa Pátria.

É inegável também a importância do Duque de Ávila para os Açores e sobretudo para esta então vila da Horta, que se viu elevada a cidade em Julho de 1833 por alvará de D. Pedro IV a instâncias daquele nosso conterrâneo que, em boa verdade, não se escusava de afirmar sempre que, para além de ser português era açoriano e faialense.

Minhas Senhoras e meus Senhores

Termino esta minha breve e muito modesta intervenção de abertura deste colóquio já que, sobre este assunto a palavra terá de ser dada aos especialistas que certamente serão capazes de iluminar mais este tempo e compreender melhor a vida e obra deste emérito filho desta terra, António José de Ávila.

Permitam-me apenas que registre, a finalizar, que teremos a honra de ter hoje aqui a encerrar este colóquio, Sua Excelência o Presidente da Assembleia da República, outro açoriano ilustre, cuja presença confere a este evento uma dimensão que ultrapassa a ilha e a Região, colocando-o no plano nacional tal como a vida e obra do Duque de Ávila e Bolama.

